

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE CLASSES OPRIMIDAS: POR UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL E LIBERTADORA

SOME REFLECTIONS ON OPPRESSED CLASSES: TOWARDS A DECOLONIAL AND LIBERATING PEDAGOGY

José Cleinaldo dos Santos Guerra¹

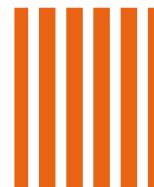
RESUMO: As práticas de leitura e produção textual, desenvolvidas em sala de aula, devem visar à formação de leitores críticos e reflexivos e que lutem por uma educação democrática e libertadora. Neste artigo, objetiva-se refletir sobre práticas de leitura e escrita críticas, e para isso partimos da produção textual de três alunas que refletiram sobre algumas profissões desvalorizadas pela sociedade. A metodologia adotada parte de uma abordagem qualitativa e foi desenvolvida com base nos princípios do construtivismo social e da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011). Este artigo é decorrente de um projeto de extensão ministrado por este pesquisador em um curso de Letras Espanhol de uma universidade pública no estado do Piauí no ano de 2019. Onze estudantes participaram do projeto, neste estudo analisamos três textos produzidos de três futuras professoras. Como suporte teórico temos o letramento crítico (FREIRE, 1987, 2011, 2014); (JANKS, 2016, 2018) aprendizagem de língua adicional (PAIVA, 2014); leitura e escrita (KALANTZIS; COPE; ZAPATA, 2019) e decolonialidade (WALSH, 2017) e (MALDONADO-TORRES, 2007). Estes suportes teóricos embasam esta pesquisa para uma análise sobre a aprendizagem de língua adicional no viés decolonial. Os resultados mostram que além da produção textual, as aprendizes conseguiram refletir e valorizar as classes de trabalhadores e trabalhadoras representados pelas profissões de sapateiro, flanelinha e lavadores de carro. Da mesma maneira, estas futuras professoras construíram reais significados e desenvolveram ações críticas, reflexivas e de mudanças na maneira de pensar e agir.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas de Leitura; Leitores Críticos e Reflexivos; Educação Democrática e Libertadora.

ABSTRACT: Reading practices and textual production, developed in the classroom, should aim at training critical and reflective readers who fight for a democratic and liberating education. In this article, the objective is to reflect on critical reading and writing practices, and for that we start from the textual production of three students who reflected on some professions devalued by society. The methodology adopted is based on a qualitative approach and was developed based on the principles of social constructivism and action research (THIOLLENT, 2011). This article is the result of an extension project taught by this researcher in a Spanish Language course at a public university in the state of Piauí in 2019. Eleven students participated in the project, in this study we analyzed three texts produced by three future teachers. As theoretical support we have critical literacy (FREIRE, 1987, 2011, 2014); (JANKS, 2016, 2018) additional language learning (PAIVA, 2014); Reading and writing (KALANTZIS; COPE; ZAPATA, 2019) and decoloniality (WALSH, 2017) and (MALDONADO-TORRES, 2007). These theoretical supports underlie this research for an analysis of additional language learning in the decolonial bias. The results show that in addition to textual production, the apprentices were able to reflect and value the classes of workers represented by the professions of shoemaker, flannel and car wash. In the same way, these future teachers built real meanings and developed critical, reflective actions and changes in the way of thinking and acting.

KEYWORDS: Reading Practices; Critical and Reflective Readers; Democratic and Liberating Education.

¹ Doutorando no programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: naldoguerra@ufpi.edu.br



INTRODUÇÃO

Quando professores e professoras se preocupam com a aprendizagem de alunos/as críticos e reflexivos, fazendo com eles/elas se preocupem não só em “falar bem”, mais que isso, se preocupem em despertar o interesse para aprender, isso poderá fazer com que a situação de experiência em língua adicional facilite o processo de aprendizagem, fazendo com que tanto professores e alunos aprendam e reflitam sobre suas próprias ações. Nossas atividades sociais estão relacionadas com ideologia, história, cultura, valorização, e acima de tudo com o respeito, pois é urgente um debate que faça com que nós nos coloquemos no lugar do outro ou outra, especificamente se ele/ela é violentado, apagado ou simplesmente silenciado, é preciso dar vozes ao silentes. Aprender uma língua adicional é também conhecer e reconhecer que existe um processo, que vai além de aprender a ler, escrever, ouvir e falar, pois é preciso ir além de estruturas já consolidadas, só assim o estudante poderá seja criativo, participativo e crítico no processo de aprendizagem de uma língua, e por fim, que o aprendiz seja convidado a participar de um projeto que também seja seu.

O ambiente microssocial de uma sala de aula poderá ser um espaço para a construção da justiça social, do empoderamento de comunidades marginalizadas, da propagação do respeito ao próximo e, acima de tudo, do combate ao preconceito e ao racismo. Saindo do ambiente microssocial que é a sala de aula, nossos educandos e educandas podem proporcionar verdadeiras transformações sociais fora dela, isto é, são nas ações em sala de aula que podem promover certas mudanças em outros ambientes microssociais.

Não podemos nunca tolerar os diversos tipos de violência que os povos indígenas, profissões desvalorizadas pela sociedade, os negros, as mulheres e os pobres sofrem todos os dias em nossa sociedade. Devemos escutar as vozes, gritos e choros, olhar as angústias daqueles que estão à margem e cuja humanidade lhes é negada, assim, nos alinhamos a Maldonado-Torres (2007) quando afirma que a “invisibilidade e a desumanização são as expressões primárias da colonialidade do ser. A colonialidade do ser indica esses aspectos que produzem uma exceção da ordem do ser”. Nesse sentido, podemos refletir que ainda existem pessoas que pensam que alguns seres humanos importam mais do que outros. Entendemos que a aplicação de uma pedagogia decolonial pautada nos princípios da teoria do letramento crítico seria algo possível nos dias de hoje, já que os debates sobre inferioridade ou superioridade entre os povos foram criados para uma justificativa da real

colonialidade do ser, que permanece até os nossos dias atuais em torno de ideologias que constituem formas de violência contra homens e mulheres em nossa sociedade, violência esta que maltrata, mutila, ofende e agride todos e todas que lutam por uma sociedade de igualdade, equidade e respeito mútuo.

Objetiva-se neste artigo, promover reflexões sobre práticas de leitura e escrita críticas, e para isso partimos da produção textual de futuras professoras que refletiram sobre algumas profissões desvalorizadas pela sociedade. Diante deste objetivo, surgem três outros específicos: promover reflexões sobre pensamento crítico em futuros professores e professoras; proporcionar a reflexão sobre a formação de estudantes críticos e ativos que buscam, a partir de discursos e ações intencionais e informadas, a transformação social e por último, fomentar práticas educativas com abordagem crítica e reflexiva e, por consequência, viabilizar a formação de cidadãos críticos que tenham interesses sobre a defesa de classes oprimidas em nossa sociedade. Para chegar a abordar esse tema, nos questionamos como podemos promover o desenvolvimento do pensamento crítico de alunos e alunas de um curso de letras espanhol; segundo, como podemos proporcionar a reflexão sobre a formação de cidadãos críticos e ativos que buscam a transformação social; terceiro, o que se pode fazer para fomentar práticas educativas com abordagem crítica e reflexiva para viabilizar a formação de cidadãos que tenham interesses na defesa das classes oprimidas, e por último, como podemos viabilizar nossas salas de aulas para que ocorra o empoderamento de profissões que não são valorizadas ou são silenciadas em nossa sociedade, como é o caso de lavadores de carro, flanelinhas, sapateiros e tantas outras.

Deste modo, o presente artigo está estruturado nas seguintes seções: introdução, na qual abordamos a justificativa, os objetivos e a problemática deste estudo; em seguida, descrevemos a metodologia, logo em seguida, apresentamos a aprendizagem de língua adicional no viés crítico e decolonial, depois, escrever e ler criticamente: um debate necessário; posteriormente, temos as análises de três textos produzidos por três alunas que serviram como dados baseados na teoria do letramento crítico e decolonialidade, e por fim, as considerações finais com reflexões sobre os resultados deste estudo.

Na próxima seção, apresentamos o caminho percorrido para desenvolver este estudo, descrevendo o contexto, os participantes e os instrumentos utilizados para a geração dos dados que analisamos.

1 Os passos metodológicos deste estudo

A pesquisa qualitativa não se preocupa com a solução de certos problemas, com um produto acabado e lapidado ao final de um processo. Concordamos com as palavras de Godoy (1995, p.63) quando afirma que “os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto”. Diante de tal reflexão, entendemos que não cabe ao pesquisador solucionar tais problemas, mas fazer as análises necessárias e significativas para a sociedade, para as pessoas envolvidas e para o próprio pesquisador, contribuindo para a proposição de políticas públicas. Corroboramos que as palavras de Creswell (2010) quando afirmam que:

a pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. (CRESWELL, 2010, p. 26)

Entender um certo problema social, fazendo a exploração a partir das análises dos dados, poderá fazer com que o pesquisador e os participantes envolvidos tenham ganhos na produção de conhecimento subjetivo, transformando e gerando justiça social para todos os envolvidos na pesquisa, mais uma vez nos alinhamos as palavras de Creswell (2010),

os **construtivistas sociais** defendem suposições de que os indivíduos procuram entender o mundo em que vivem e trabalham. Os indivíduos desenvolvem significados subjetivos de suas experiências, significados dirigidos para alguns objetos ou coisas, tais significados são variados e múltiplos, levando o pesquisador a buscar a complexidade dos pontos de vista em vez de estreitá-los em algumas categorias ou ideias. (CRESWELL, 2010, p. 31, grifo no original)

As experiências vividas servem como forma de aprendizado, como construção de significado crítico para poder entender as relações entre as pessoas, os objetos e o mundo. A multiplicidade de significados faz com as experiências de vida dos aprendizes sejam assim como o conhecimento adquirido, subjetivo. Assumindo esta perspectiva, os dados gerados não devem ser colocados em categorias ou “caixinhas mágicas”, isso fugiria ao propósito desta pesquisa, assim nos alinhamos a Bortoni-Ricardo (2008, p.46), quando afirma que na pesquisa ação “o professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática”, assim, na ação e reflexão da práxis pedagógica que

o professor vai se transformando e acima de tudo transformando seus alunos, de acordo com Tripp (2005, p. 447) “pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”. Apropriamo-nos desse conceito para levá-lo para o microcosmo da sala de aula, na ação reflexiva de professor, melhorando o fazer docente e sua práxis real e transportando para qualquer ambiente social, já para Thiollent (2011, p. 20) a pesquisa-ação “é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação”. Portanto, pesquisadores e participantes deverão ser ativos, participativos e acima de tudo, engajados com os problemas sociais por que passa nossa sociedade.

A ação e a investigação estão unidas por quatro fases que Tripp (2005, p.446) nomeou de fases do ciclo básico da investigação-ação: PLANEJAR uma melhora da prática, AGIR para implantar a melhora planejada, monitorar e DESCRER os efeitos da ação e AVALIAR os resultados da ação. O professor (que era também o pesquisador), antes de iniciar o processo de ensino, fazia o planejamento, depois vinha uma ação que eram as entrevistas, em seguida a descrição do processo e por fim, era feita uma avaliação sobre como ocorrera a entrevista, o ensino e aprendizagem da língua em interação. Todo esse processo com a participação ativa dos alunos/alunas e do professor/pesquisador, nos dizeres de Tripp (2005, p.454) “não se trata de envolver ou não outras pessoas, mas sim do modo como elas são envolvidas e como elas podem participar melhor do processo”. Nesse sentido, tanto o professor/pesquisador quanto os alunos/alunas deram sentido as reflexões críticas realizadas durante o curso de espanhol. Esta pesquisa é desenvolvida nessa perspectiva, pois as ações e reflexões sobre o ato de ensinar podem trazer mudanças reais e com valores grandes para os educadores, beneficiando não somente aprendizes, mas também toda a sociedade. Na tabela abaixo descrevemos a base metodológica que este artigo apoiou-se.

Tabela 1- Proposta metodológica desta investigação

Tipo de Pesquisa	Descrição
Pesquisa Qualitativa	O pesquisador não é um relator passivo
Perspectiva construtivista social	Orientada para a construção da justiça social
Pesquisa-ação	Pesquisador e participantes estão envolvidos de modo cooperativo e participativo

Fonte: Elaboração própria, 2023.

Nesse processo de ação e investigação realizado com os alunos/alunas de uma universidade pública, o pesquisador emergia no momento de anotações no diário, gravação de voz dos participantes e dos profissionais, bem como o próprio pensamento crítico que ia sendo desenvolvido no ambiente em que ocorriam os fatos, fossem eles na sala de aula (com aprendizes) ou na rua (com profissionais). As entrevistas com os profissionais “invisíveis” ocorriam no local de trabalho dos participantes entrevistados, isto é, em situações naturais, os alunos não se deslocavam para um laboratório, pelo contrário, eles estavam em um ambiente natural e essa experiência poderá fazer com que eles levem consigo para toda uma vida.

A seguir, apresentamos-lhes o contexto do estudo, os participantes da pesquisa e o processo de geração dos dados.

1.1 O contexto e os participantes

Foi cadastrado um curso de língua espanhola na PREX (Pró-Reitoria de Extensão) de uma Universidade pública no estado do Piauí, o projeto intitulado: Letramento digital: proyecto engloba, tinha por finalidade auxiliar os alunos a se apropriarem de habilidades de leitura e escrita em língua espanhola no meio digital. Foi criado um blog (www.proyectoengloba.blogspot.com) para que os estudantes pudessem escrever depoimentos a respeito de algumas profissões, cuja finalidade era justamente ir em defesa de classes oprimidas em nossa sociedade.

Onze futuros professores/professoras de língua espanhola participaram desta experiência. Eram estudantes de períodos diferentes, isso fez com que eles pudessem ajudar uns aos outros. Alunos mais experientes ajudavam os menos experientes nas atividades de leitura e escrita. Essas atividades se desenvolveram em cinco etapas, que descrevemos a seguir e que formam os dados deste estudo.

1.2 Processo de geração de dados

1^a) **Reunião semanal:** O grupo de estudantes com o professor/pesquisador se reunia todas as sextas-feiras à tarde na universidade. Foram dedicados trinta minutos para explicação sobre como ocorreriam as atividades. O professor/pesquisador conduzia a explanação, havia intervenção dos alunos sempre que necessário, quando havia dúvidas. Foram feitas entrevistas em português

com profissionais, depois os estudantes as transcreviam para um blog. Um grupo de alunos era responsável pelas fotos, outro grupo se preocupava com a gravação dos áudios e um terceiro grupo fazia as perguntas aos profissionais. Existia um rodízio nas tarefas dos alunos nas entrevistas que se seguiam. Com isso, todos puderam desenvolver as habilidades propostas durante a experiência de entrevistar.

2^a) **Realização das entrevistas:** O professor/pesquisador acompanhava os alunos na realização de pequenas entrevistas, em língua portuguesa, com profissionais. No final de cada entrevista, faziam um círculo naquele ambiente e debateram e refletiram sobre as ações realizadas. Foram entrevistadas 26 pessoas (5 mulheres e 21 homens) que representam as 11 profissões presentes no blog, mas somente três serão objeto de análise neste artigo, as profissões de sapateiro, lavador de carro e flanelinha.

3^a) **Compartilhamento no Whatsapp:** A cada entrevista realizada, os alunos divulgavam as experiências vividas no grupo de Whatsapp, bem como eram compartilhados as fotos e os áudios das entrevistas, para que todos tivessem acesso, mesmo aqueles que não tiveram a oportunidade de estar presencialmente. Ficou acordado entre o professor/pesquisador e os alunos que a língua desse grupo seria o espanhol. Neste grupo virtual, não havia um horário fixo para os debates, eles ocorriam a qualquer momento do dia ou da noite.

4^a) **Organização de texto:** A leitura, a escrita e a reescrita do texto (áudio das entrevistas) eram debatidas no grupo de Whatsapp. A escrita e reescrita eram feitas no Google Docs em etapas: a) um grupo já havia feito a transcrição do áudio em português e colocava no Google Docs; b) outro grupo fazia a tradução do texto em português e passava para a língua espanhola; c) um terceiro grupo era responsável pelas correções ortográficas; d) por fim, uma aluna mais experiente era responsável pelas fotos e pela publicação no blog. Todo este processo sempre foi realizado com acompanhamento do professor/pesquisador. As dúvidas que surgiam dos alunos eram mitigadas no grupo virtual. Depois que o texto estava pronto, era feita a montagem para a publicação no blog. Com o aval do professor/pesquisador e de todos os alunos, o texto era publicado em língua espanhola no blog.

5^a) **Publicação no blog:** O blog foi criado pelo professor/pesquisador no dia quatro de agosto de 2019 e todos os alunos foram adicionados como integrantes. Este blog, www.proyectoengloba.blogspot.com.br, foi criado para divulgar o trabalho dos alunos em língua espanhola. Esse ciclo, com as aulas na universidade, deslocamento para as entrevistas, debates no

grupo virtual de Whatsapp, escrita do texto no Google Docs e publicação da vida dos profissionais no blog, se repetiu por dez vezes durante os quatro meses de curso.

A seguir, iremos abordar alguns aspectos sobre aprender uma língua adicional no viés da decolonialidade e da perspectiva do letramento crítico.

2 Aprendizagem de língua adicional no viés crítico e decolonial

Aprender uma língua adicional não é apenas memorizar códigos, é ir além, é aprender a cultura do outro, as formas de comunicação de outras pessoas, é aprender a respeitar a maneira como pensam e agem dentro da sua sociedade e comunidade. Aprender e ensinar fazem parte de um mesmo processo, não necessariamente o ato de ensinar está diretamente associado ao professor, pois ele aprende nas relações de interação com os aprendizes; na mesma perspectiva, o ato de aprender não se relaciona em sua totalidade com o aluno, pois este também poderá ensinar. De acordo com Robinson (2015), “a função primordial de um professor é facilitar a aprendizagem”. Corroborando com as palavras do autor, entendemos que essa facilitação faz com que o aprendiz se sinta confortável e confiante para conseguir desenvolver ações reflexivas. Para Romanowski (2007), “a reflexão na ação é complexa e exige uma observação atenta de como os alunos resolvem as situações de aprendizagem”. O olhar atento do professor poderá gerar ganhos para a aprendizagem dos alunos, pois o fazer pedagógico muitas vezes é colaborativo e participativo, a fim de que todos possam aprender e ensinar ao mesmo tempo. No caso de professores de línguas, em algumas situações, o desenvolvimento das habilidades de fala, compreensão oral, leitura e escrita são necessárias.

Em nossa percepção, professores usando a leitura e escrita de textos como habilidades de prática de ensino e aprendizagem podem fazer com que os estudantes desenvolvam essas competências significativamente. Para Kalantzis, Cope e Zapata (2019), “na leitura, os indivíduos interpretam o que se quer dizer na língua escrita. Este processo vai muito além da decodificação dos signos e símbolos da escritura, já que envolve as representações pessoais do leitor dos significados transmitidos pelo escritor”. Escrever é ir além de decodificar palavras, é ir além de apenas memorizar símbolos, pois no processo de leitura e escrita a construção de significados vão surgindo, e em alguns casos ocorre a interação, como por exemplo: escrever sua opinião em um

blog ou debater com colegas e com o professor em um grupo de Whatsapp, entre outras. Na aprendizagem de uma língua adicional, a interação social pode facilitar a vida do aluno no ato de aprender, pois ele poderá encontrar soluções para obstáculos que poderão surgir. Para Mata e Ortega (2002),

O homem é um ser social por natureza. Porém esta não é uma realidade estática; pelo contrário, o homem se converte em ser social ao longo de um processo que vai incorporando sua individualidade às formas de vida, os valores, as normas, e os costumes da sociedade em que vive. (MATA; ORTEGA, 2002, p.276)

Aprender uma língua adicional vai muito além de habilidades linguísticas, pois sabemos que o desenvolvimento das quatro habilidades: escutar, falar, ler e escrever são muito importantes para a aprendizagem dos alunos, mas é preciso ir além de estruturas já consolidadas, é preciso fazer com que o estudante seja criativo e participativo no processo de aprendizagem de uma língua adicional, é preciso convidar ao aluno a participar de um projeto que também seja seu, pois segundo Walsh (2017, p.29) “as lutas sociais também são lugares pedagógicos onde os participantes exercem suas pedagogias de aprendizagem, desaprendizagem, reaprendizagem, reflexão e ação”. O ensino de uma língua adicional envolve uma visão complexa e ampla, em que os fatores da linguagem e o contexto fictício, dificultam o processo de ensinar e aprender um outro idioma e o próprio indivíduo em si. Quando o professor relaciona a realidade dos alunos com o ensino, com os materiais e recursos utilizados por ele e principalmente com a cultura a ser trabalhada, fazendo com que a “chama acesa” da ação de aprender seja despertada no aluno, isso poderá fazer com que a situação de experiência em língua materna facilite o processo de aprendizagem do aprendiz na língua adicional. Nos alinhamos a Freire (1987, p.33) quando questiona esse sistema de faz de conta em que o professor é um mero narrador e os alunos apenas ouvintes passivos, “a narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado”. Valorizar a língua em uso, fazer uma relação com aquilo que está aprendendo em sua língua materna poderá alcançar habilidades significativas em uma língua adicional. Já não conseguimos mais imaginar o mundo somente no formato analógico, os tempos são outros, em que o digital e o analógico por muitas vezes se mesclam.

Leitura e escrita são práticas sociais que estão presentes em diversos ambientes, seja no virtual ou analógico. Em muitos contextos, essas práticas de letramentos são necessárias para as pessoas poderem se sentir incluídas e participantes. Para Soares (2018),

habilidades e conhecimento de escrita, tal como ocorre com as habilidades e conhecimentos de leitura, devem ser utilizadas diferencialmente para produzir uma grande diversidade de materiais escritos: desde a simples assinatura do próprio nome ou a elaboração de uma lista de compras até a produção de um ensaio ou de uma tese de doutorado. (SOARES, 2018, p. 153)

Leitura e escrita são habilidades indispensáveis para qualquer cidadão, mesmo aqueles que não tiveram uma educação formal precisam de tais habilidades para o trabalho do dia a dia. Neste estudo, iremos nos focar na produção textual, mais especificamente na língua espanhola, pois os participantes da pesquisa são professores dessa língua em formação inicial e essa é uma das competências que se espera que eles desenvolvam e depois auxiliem seus próprios alunos em suas produções textuais.

Nossos jovens estão cada vez mais conectados e usando as diversas redes sociais, por isso, entendemos ser importante que os atores do processo educacional (gestores, professores, alunos, pais, governantes) ressignifique algumas práticas, pois, na atualidade, diferentes situações e necessidades de engajamentos com textos diversos surgem a todo momento, assim, é necessário refletir sobre sua inclusão na prática educacional. Para Gomes (2016), “mas, se a escola ainda hoje resiste ou vacila quanto à incorporação dessas novas práticas de escrita e de relacionamento em seu cotidiano”. Essa resistência precisa ser problematizada e questionada, e projetos como este que propomos aqui neste estudo têm esse objetivo de promover práticas de leitura e escrita críticas para o desenvolvimento não só intelectual dos estudantes, mas também social, pois como afirma Gomes (2016), “pessoas de diferentes níveis socioeconômicos e de várias faixas etárias, especialmente jovens em idade escolar, acessam a internet, cada vez mais motivadas pela participação em redes sociais e pelo acesso aos *smartphones*”. Para a produção textual, a construção de um blog como artefato cultural pode facilitar o desenvolvimento das habilidades de produção textual dos usuários, a fim de que eles possam alcançar objetivos pessoais, profissionais e acadêmicos. Esperamos que a criação de um blog para a aprendizagem de uma segunda língua contribua para a formação inicial de professores de línguas, como é o caso deste estudo em que estudantes do curso de Letras Espanhol se apropriam desta língua para poder expressar opiniões e fazer reflexões sobre profissionais e suas funções como trabalhadores. Estes estudantes desenvolvem não somente habilidades linguísticas, mas se expressam e fazem uso real da língua, pois através de suas reflexões críticas mostram a história de vida de alguns trabalhadores, valorizando não somente a cultura

global, mas a local e, acima de tudo, ressignificando os papéis sociais de cada um em sua própria comunidade.

3 Escrever e ler criticamente: um debate necessário

Os artefatos digitais podem facilitar o processo de aprendizagem dos alunos. A criação de um blog poderá ser algo positivo no desenvolvimento de habilidades relacionadas à produção textual. De acordo com Lorenzi e Pádua (2012),

O blog foi, inicialmente, idealizado como um diário virtual, que, ao longo do tempo, adquiriu diversas finalidades, pois, além do **fácil espaço de escrita**, o blog tornou-se também um ambiente que possibilita a seu usuário liberdade para produzir, reproduzir e difundir a escrita de maneira interativa. (LORENZI; PÁDUA, 2012, p.40, grifo nosso)

A produção de maneira interativa torna os alunos atores principais nesse processo de desenvolvimento de habilidades de produção textual, pois eles deixam de ser somente leitores e passam a ser produtores do conhecimento, valendo-se da escrita para que isso ocorra, isto é, eles produzem, reproduzem e difundem suas ideias através dos textos. Buscamos compreender esse processo na seção de análise dos comentários dos futuros professores no blog.

Com os textos multimodais, os estudantes não apenas aprendem e produzem textos verbais, mas vão além, pois podem utilizar figuras e fotos associadas às habilidades de produção textual. Para este estudo, propomos a criação de um blog, unindo assim o verbal com o visual, corroborando o que Gomes (2016) afirma: “os blogs são combinações verbo-visuais”. A utilização de textos digitais poderá ter acesso com apenas um simples click, lá estará o internauta navegando nos mais diversos sites, blogs, wikis, para poder se relacionar, escrever, opinar, produzir conhecimento, saindo da passividade em que alguns meios de comunicação exigiam, e passam a ser um ser produtor, ativo e capaz de se manifestar em todo e qualquer tipo de assunto.

Em sociedades tecnológicas, industrializadas, a escrita é onipresente. Ela integra cada momento de nosso cotidiano, constituindo-se numa forma tão familiar de fazer sentido de nossa realidade que seu uso passa despercebido para os grupos letrados. Dentro do ambiente escolar, a escrita é percebida e os aprendizes são conscientes de sua produção, mas é preciso ir além, para que essa prática não se transforme em uma mera avaliação de uma redação escolar, talvez essas reflexões não sejam tão debatidas em nossas universidades, talvez elas não sejam tão difundidas

nas salas de aula, mais uma vez nos alinhamos a ideias de Freire (2014), pois antes de ler o código, é preciso ler o mundo, ler a realidade de modo crítico. É preciso que a leitura da palavra seja precedida da leitura do mundo, e este não é um problema apenas da alfabetização, como possa parecer a alguns”.

No próximo tópico, analisamos as publicações e comentários das três futuras professoras, com o objetivo de promover práticas de leitura e escrita críticas sobre algumas profissões desvalorizadas pela sociedade e de observar como foi desenvolvido o letramento crítico dos participantes durante a realização das atividades.

4 Análises dos dados gerados

Em nossas análises, percebemos que existe uma possibilidade de valorização de classes oprimidas e uma possível transformação social. Devido à grande quantidade de dados gerados e a finalidade deste artigo, escolhemos três textos de três alunas (Bruna, Genisse e Luana) para as análises neste estudo. Vale ressaltar que os textos produzidos pelas três estudantes foram escolhidos aleatoriamente, vale ressaltar ainda que os achados não estão classificados como categorias de análises, pois acreditamos que colocar em caixinhas “mágicas” as reflexões das aprendizes, fugiriam aos propósitos deste estudo.

O uso do blog como experiência para a aprendizagem de língua espanhola nos permitiu identificar reflexões críticas feitas pelas futuras professoras. Ao analisarmos os comentários das estudantes no blog, identificamos que a defesa de classes oprimidas estavam sempre presentes, isto vai de encontro ao objetivo geral deste estudo. A seguir, na figura 1, exploramos essas reflexões.

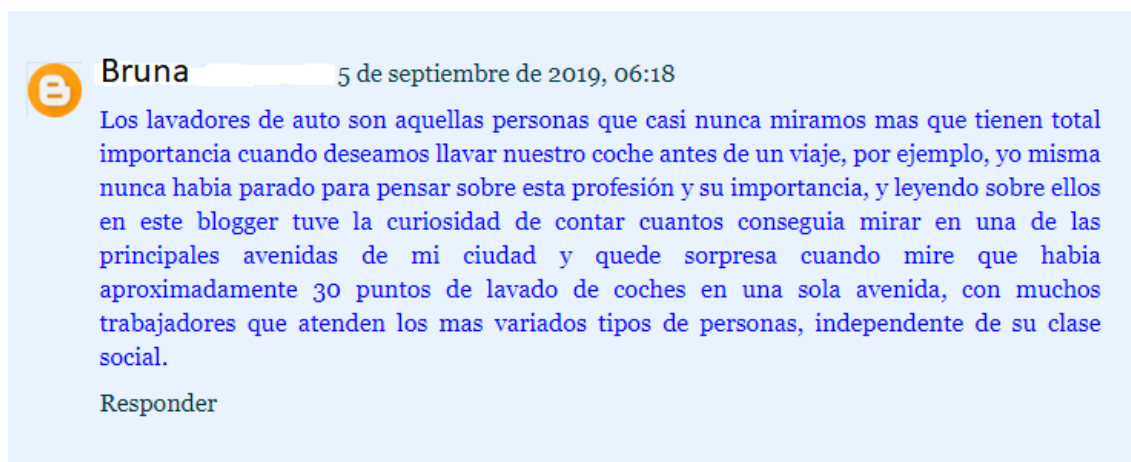


Figura 1: Dando importância ao ambiente em que vive
Fonte: acervo próprio

No depoimento de Bruna, já na primeira linha, consegue-se perceber aqueles que são silenciados pela sociedade, isto é, os lavadores de carro. Nas palavras de Janks (2018),

No mundo em que vivo, o engajamento crítico com as formas em que produzimos e consumimos o significado, qual significado (e de quem) é aceito e qual é descartado, **quem fala e quem é silenciado**, quem é beneficiado e quem é prejudicado – continua a sugerir a importância de uma educação em letramento crítico e, de fato, com criticidade. (JANKS, 2018, p.26, grifo nosso)

A criticidade pode ser desenvolvida no ensino de língua espanhola, isso percebemos quando a futura professora Bruna, no dia cinco de setembro de 2019, expressa sua opinião através da escrita e da leitura de mundo que tem sobre a profissão de lavador de carro. Observamos sua reflexão ao dizer “conseguia mirar en una de las principales avenidas de **mi ciudad**”, referindo-se à cidade de Teresina, capital do Piauí no Nordeste do Brasil, local onde se realizou o presente estudo. Nesta perspectiva, Freire (2011) nos alerta que

o aprendizado da leitura e da escrita, por isso mesmo, não terá significado real se se faz através da repetição puramente mecânica de sílabas. Este aprendizado só é válido quando, simultaneamente com o domínio do mecanismo da formação vocabular, o educando vai percebendo o profundo sentido da linguagem, quando vai percebendo a solidariedade que há entre a linguagem-pensamento e realidade, cuja transformação, ao exigir novas formas de compreensão, coloca também a necessidade de novas formas de expressão. (FREIRE, 2011, p. 33 e 34)

Essa realidade que Freire (2011) menciona é o que leva a aluna a expressar sua opinião sobre os lavadores de carro que ela contou, eram mais ou menos trinta profissionais identificados no percurso de sua casa para a universidade em que ela estuda. A estudante ficou surpresa com a

quantidade de profissionais que ela contou em uma única avenida. Entendemos que o uso da língua espanhola para fazer uma descrição da realidade em que vive pode ser relacionado ao que Paiva (2014, p.110) “ninguém aprende uma língua sem usá-la em interações com outros interlocutores”, talvez para muitos, o simples fato de conseguir enxergar os lavadores de carro de sua cidade, talvez não seja de muita importância a contagem deste profissionais que muitas vezes são invisíveis pela sociedade, mas nos relatos de Bruno se torna importante sim, por isso nos alinhamos a Janks (2016, p. 38) quando nos faz refletir que:

o importante é ter em mente que pequenas mudanças podem fazer a diferença. Plantar uma árvore, reciclar o lixo, compartilhar um sanduiche, opor-se ao bullying, lutar pela criação de mais rampas para cadeirantes ou aprender a língua de outra pessoa podem não parecer muito, mas cada um, à sua maneira, pode contribuir para tornar o mundo um lugar melhor para todos. (JANKS, 2016, p. 38)

Em nossas salas de aulas, podemos fazer com que nossos estudantes possam refletir sobre os problemas da sociedade, diante disso é que nos perguntamos o que se pode fazer para fomentar práticas educativas com abordagem crítica e reflexiva para viabilizar a formação de cidadãos críticos e reflexivos que tenham interesses na defesa de classes oprimidas? Talvez a resposta esteja no próprio fazer pedagógico, ou nas brechas (WALSH, 2017) que o próprio sistema permite, assim desejamos que o incentivo para a produção do texto do aluno seja pautado em princípios decoloniais. Percebemos que Bruna não utiliza situações fictícias, pelo contrário, a língua aqui é viva, assim valoriza não somente a língua em que está aprendendo, mas o local em que vive, pois se reconhece neste ambiente em que todos os dias tem a oportunidade de se deslocar de sua casa para a universidade e vice-versa. Neste sentido, nos remete a Rojo (2009),

Um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar de **várias** práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, **de maneira ética, crítica e democrática**. (ROJO, 2009, p. 107, grifo no original)

Valendo-se da prática social de escrita digital, a participante consegue se expressar na língua espanhola, de maneira ética e democrática (los lavadores de autos... tienen total importancia) e crítica (que casi nunca miramos). A futura professora, se posiciona criticamente sobre os lavadores de carro, mostrando que está preocupada com as formas de dominação e discriminação ao afirmar que estes profissionais são importantes para a sociedade, ainda que não sejam vistos. Ela reconhece que não dava tanta importância para essas pessoas e que passou a perceber isso quando começou

a ler no blog sobre os lavadores de carro. Consideramos essas reflexões como um momento de ressignificação e de desenvolvimento de criticidade da participante.

Defendemos que o processo de ensino e aprendizagem de uma língua adicional não seja reduzido ao foco exclusivo no desenvolvimento das quatro habilidades: ler, escrever, ouvir e falar. Não queremos dizer que elas não são importantes, o que defendemos é que existem outras habilidades que podem e precisam ser desenvolvidas pelos estudantes, como, por exemplo, a criticidade. Isso é o que podemos analisar na escrita digital abaixo:

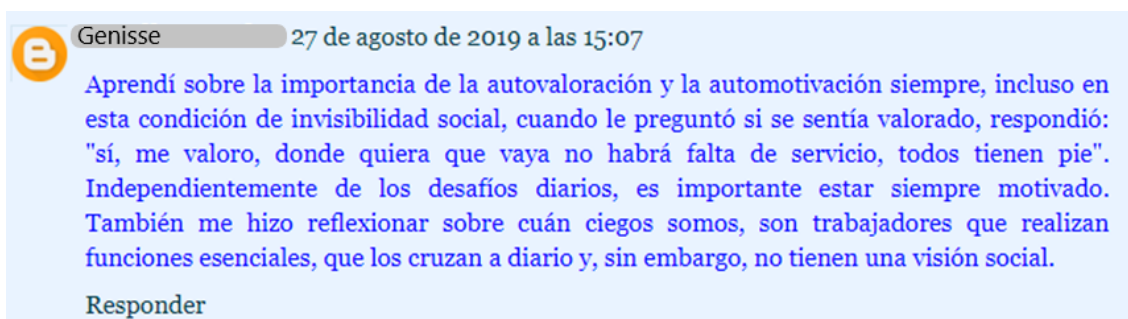


Figura 2: Realização profissional
Fonte: acervo próprio

A estudante utiliza a língua espanhola para expressar suas ideias. Ao usar a língua que está aprendendo, a futura professora lança-se no desafio de expressar seus sentimentos pela profissão de sapateiro e fazer reflexões, ao afirmar “*aprendí sobre la importancia...*” “*también me hizo reflexionar*”. A língua adicional é usada não como pano de fundo, mas como expressão de uma realidade vivida pela estudante. Para Paiva (2014),

a aquisição de uma língua se dá através de processo colaborativo por meio do qual os aprendizes se apropriam da língua de sua própria interação, para seus próprios propósitos, construindo a competência gramatical, expressiva e cultural. (PAIVA, 2014, p.137)

A futura professora teve a oportunidade de exteriorizar seus pensamentos a respeito da profissão, após ter feito a entrevista com o profissional. Entendemos que ela pode sentir um pouco o que era ser um sapateiro, em um momento de empatia, ao se colocar no lugar do outro, sem rótulos ou preconceitos.

Podemos perceber mais uma vez a valorização do outro no depoimento da aluna Luana (na figura 3 a seguir):

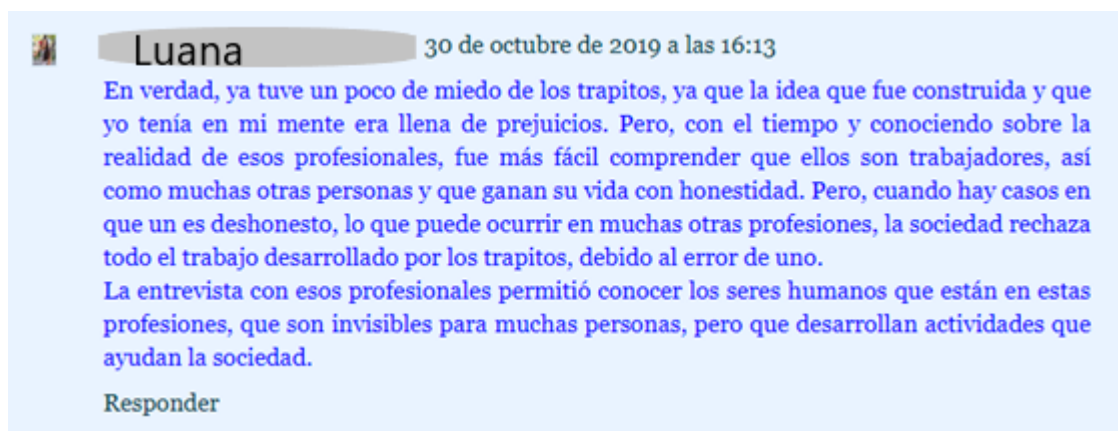


Figura 3: O preconceito foi sumindo aos poucos
Fonte: acervo próprio

Luana confessa que no início do curso e nas primeiras entrevistas sua mente estava repleta de preconceitos; porém, com o tempo, isso foi sumindo aos poucos, pois ela pode conhecer a realidade daqueles profissionais que eram entrevistados. Nas palavras da futura professora, “*yo tenía en mi mente era llena de prejuicios*”. A futura professora pode expressar o que sentiu naquele momento com os flanelinhas, e começou a refletir, resignificando algumas das suas percepções, “pero, con el tiempo... fue más fácil comprender... que ganan su vida con honestidad”. A língua aqui é algo valioso, serve para se comunicar, expressar angústias, sentimentos, valores. Podemos perceber na figura de número 3, as etapas por que passa Luana para chegar na valorização do ser humano.

No primeiro momento, Luana tinha preconceitos com as pessoas que ela estava entrevistando, depois confessa que, com o passar do tempo, aquilo foi mais fácil e para finalizar, com a experiência vivida, ela conseguiu reconhecer o verdadeiro valor daquelas pessoas e permitiu a si mesma abrir a mente para que os preconceitos não a dominasse.

O que podemos perceber é que a futura professora não somente aprende espanhol, pois utiliza a língua para comunicar o que deseja aos leitores do blog, consegue se expressar bem, pois os leitores podem compreendê-la. No entanto, consideramos mais importante o fato de que ela cria, participa e colabora ao produzir seu texto, exteriorizando resignificações com novas percepções sobre profissionais muitas vezes desprezados socialmente. Esperamos que outros leitores, ao contemplarem esses textos possam também desconstruir preconceitos e valorizar esses profissionais.

Para que as participantes deste estudo pudesse ir em defesa de classes oprimidas, mais especificamente sobre profissões muitas vezes esquecidas em nossa sociedade, elas tiveram que refletir para mudar de pensamento. Podemos perceber na tabela abaixo:

Tabela 2. Reflexão das três alunas

Estudante	Profissional	Data do comentário	Reflexão	Mudança de pensamento
Bruna	Lavadores de auto (Lavadores de carro)	05/09/2019	<i>Los lavadores de auto son aquellas personas que casi nunca miramos</i>	<i>Yo misma nunca había parado para pensar sobre esta profesión y su importancia</i>
Luana	Trapitos (Flanelinhas)	30/10/2019	<i>Son invisibles para muchas personas</i>	<i>La idea que fue construida y que yo tenía en mi mente era llena de prejuicios</i>
Genisse	Zapateros (Sapateiros)	27/08/2019	<i>También me hizo reflexionar sobre cuan ciegos somos</i>	<i>Aprendí sobre la importancia de la autovaloración y la automotivación siempre.</i>

Fonte: Elaboração própria, 2023.

Portanto, as três futuras professoras, através da escrita no blog puderam refletir sobre as formas de opressão que ocorre em nossa sociedade. A seguir, tecemos algumas reflexões sobre o estudo desenvolvido e as análises realizadas, com o objetivo de trazer novas discussões sobre o tema aqui apresentado.

CONSIDERAÇÕES NUNCA FINAIS

As mudanças sempre foram importantes para o desenvolvimento da humanidade. Na sociedade atual, a informação passou por transformações geradas pelas tecnologias digitais, favorecendo a interação e a participação ativa de leitores e produtores de conhecimento no mundo digital. Para que as participantes deste estudo pudesse ir em defesa de classes oprimidas, mais especificamente sobre profissões muitas vezes esquecidas em nossa sociedade, ela tiveram que refletir para mudar de pensamento. Ao analisarmos os comentários das futuras professoras de língua espanhola, pudemos identificar a valorização de profissões esquecidas pela sociedade (lavadores de carro, flanelinha e sapateiro) além de perceber como as estudantes fazem uso da

língua espanhola para expressar suas reflexões críticas, suas ideias, valores e acima de tudo respeito com o outro/outra.

Os dados gerados e observados nos revelaram que aprender uma segunda língua vai muito além das habilidades linguísticas. Atualmente, em geral, quem busca aprender uma língua adicional deseja muito mais que isso. É preciso respeitar o conhecimento de mundo do aluno/aluna, convidando-o para fazer parte de um projeto que seja seu também. Podemos verificar com o depoimento das participantes desta pesquisa que elas fazem uso da língua para falar de suas realidades, de seu cotidiano, da vida do outro/outra, do respeito e valorização, realizando a criticidade no seu dia a dia.

Esperamos que este texto propicie novas reflexões e pesquisas sobre experiências de aprendizagem de línguas nas quais alunos/alunas não somente desenvolvam a competência linguística, mas também permitam a ressignificação sobre a realidade em que vivemos, oportunizando a criticidade e o despertar para que preconceitos sejam desconstruídos e que a sociedade seja reconstruída como um espaço em que todos possam coexistir em harmonia e respeito.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GODOY, Arilda Schimdt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades: Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: RAE artigos, v. 35, n. 2, mar./abr.1995, p. 57-63.

GOMES, Luiz F. Redes sociais e escola: o que temos de aprender? In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (orgs.) **Redes sociais e ensino de línguas – o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GUERRA, J.C.S. Los profesionales. **Proyecto engloba**. Teresina, 04 de agosto de 2019. Disponível em: <https://proyectoengloba.blogspot.com/p/proyecto-engloba.html> acesso em: 15 de março de 2023.

JANKS, Hilary. Panorama sobre letramento crítico. In: In: JESUS, Dánie Marcelo de; CARBONIERI, Divanize (orgs). **Práticas de multiletramentos e letramento crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas**. Campinas, SP: vol. 47, Pontes Editores, 2016, p.21-39.

JANKS, Hilary. **A importância do letramento crítico**. Letras & Letras. Uberlândia, v.34.n. 1 p.15-27, jan./jun, 2018.

KALANTZIS, Mary. COPE, Bill. ZAPATA, Gabriela C. **Las alfabetizaciones múltiples: teoría y práctica**. Barcelona: Octaedro Editorial, 2019.

LORENZI, Cristina Correr; PÁDUA, Tainá-Rekã Wanderley. Blog nos anos iniciais do fundamental I: a reconstrução de sentido de um clássico infantil. In: ROJO, Roxane; MOURA; Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

MATA, Francisco Salvador. ORTEGA, José Luis Gallego. Enfoque didáctico para la socialización. In: RIVILLA, Antonio Medina. MATA, Francisco Salvador. **Didáctica General**. Madrid: Pearson Educación, 2002, p. 273-299.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. (orgs). **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007, p. 127-167.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Aquisição de segunda língua**. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

ROBINSON, Ken. **Escuelas creativas: la revolución que está transformando la educación**. Buenos Aires: Grijalbo, 2015.

ROJO, Roxane Helena R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e profissionalização docente**. Curitiba: Editora Ebpex, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 7.ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales. Prácticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir. Serie Pensamiento Decolonial**. Equador: Editora Abya-Yala, 2017.